


Contos de encantar  
**HISTÓRIA DO LINDO  
VALENTE**



L  
42354



# Contos de Encantar



**N.º 36**

L.  
42357

*Reservados todos os direitos,  
conforme a legislação em vigor.*

VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA

HISTÓRIA  
DO  
LINDO VALENTE

2.ª EDIÇÃO



---

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA  
LISBOA 1953

L. 42357





## HISTÓRIA DO LINDO VALENTE

Era uma vez um rachador de lenha que vivia na sua cabana no meio da floresta.

O rachador de lenha chamava-se Lindo Valente porque era lindo como o sol e tão valente que nada neste mundo lhe metia medo.

Um dia foi ele como de costume pela floresta dentro com o seu machado e a sua serra ao ombro e com uma corda amarrada à cintura para depois atar o seu molho de lenha.

Assim foram correndo as horas. Já o Lindo Valente cortara e arrumara três bons molhos de lenha (bons troncos,



bem escolhidos e limpos) e estava todo contente com o seu trabalho do dia, quando, ao descansar um pouco, sentado num tronco que acabara de cortar, começou a olhar à sua volta e viu que não conhecia nada daquele sítio da floresta onde se encontrava.

— Esta agora! — disse o Lindo Valente consigo — Es-

tou a ver que terei de passar aqui a noite. Nem sequer já sei para que lado fica a minha cabana!

Não se ralou. O sítio onde se encontrava era muito bonito; no fundo de um vale fresco atravessado por um ribeiro de águas claras.

O Lindo Valente lavou-se muito bem lavado na água

fresca do ribeiro e, tirando do seu saquitel um bom pedaço de pão e um queijo ceou com vontade e gosto. Depois fez uma cama com folhas secas e largou-se a dormir como um bem-aventurado; porque entretanto a noite descera e o céu salpicara-se todo de estrelas.

Acordou quando as estre-

las principiaram a apagar-se e se espalhava sobre a floresta a leve claridade do amanhecer, foi lavar a cara ao ribeiro, comeu o resto do pão e do queijo e disse de si para si:

— E agora? Agora é preciso atinar com o sítio onde estou e levar esta lenha para a minha cabana. O melhor é trepar ao alto de um destes montes

a ver se lá de cima percebo onde estou.

Dito e feito. Pôs-se logo a caminho. Andou, andou, trepou, sempre a subir entre arvoredos e pedregulhos, rasgando-se nos silvados, ferindo-se nas rochas, sem desanimar nem descansar. Já passava do meio-dia quando afinal parou, estafado e coberto de suor.

À sua volta só via árvores, mato alto, rochedos. Cada vez percebia menos onde estava.

— Isto aqui anda coisa má, — pensou ele. — Nunca me aconteceu nada assim. Aqui anda bruxedo. Mas seja lá o que for, para diante é que é o caminho!

Havia por ali medronhos e morangos bravos e cogumelos

e raízes que o Lindo Valente conhecia muito bem e que eram bons para comer. Com essas coisas jantou que se regalou e bebeu água fresca de uma fonte que descobriu entre as rochas. E logo continuou a sua jornada.

Andou todo aquele dia. Por fim, já o sol ia muito baixo, chegou ao cimo da montanha.

No alto da montanha viu uma grande lagoa; no meio da lagoa havia uma ilha; a ilha era toda coberta de viçosa verdura e de flores. As flores enchiam o ar de perfumes e tinham as cores mais variadas e brilhantes que se possam imaginar. O Lindo Valente nunca vira coisa mais linda em dias de sua vida.



—O que estará naquela ilha?—perguntou o rapaz a si mesmo.

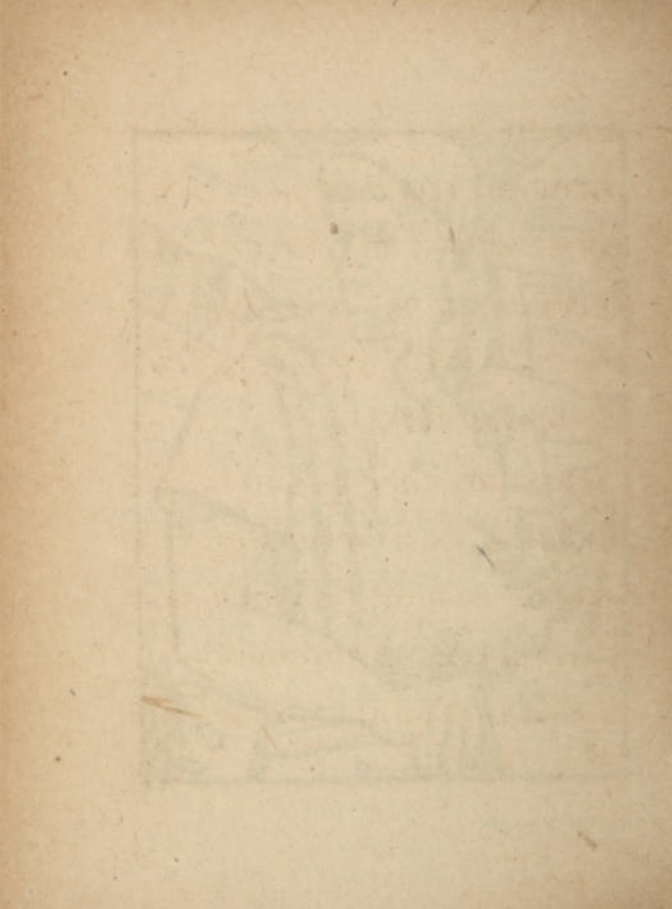
Logo se tirou dos seus cuidados. Saltou para dentro da lagoa e largou-se a nadar direito à ilha.

Quando lá chegou, o perfume das flores era tal que até lhe fazia tonturas de cabeça. O matagal era tão cerrado que

o rapaz mal podia andar. Mas foi andando, trepando, porque queria saber o que estava no alto de uma grande rocha que ali se erguia no meio da ilha. Era uma coisa esquisita que de vez em quando brilhava, resplandecia aos primeiros raios do sol, como se fosse um enorme diamante de mil cores. O que seria aquilo?



Fl. 2 — 36



quanto mais se aproximava maior era o seu desejo de perceber o que ali estava. Mas quando afinal lá chegou começou a tremer de respeito e de admiração.

Era um caixão. Um caixão todo de ouro vermelho. Tão grande e tão lindo que nem parecia obra deste mundo.

O rapaz foi-se chegando de-

vagarinho até que alcançou a beira do caixão. A tremer, cheio de respeito, levantou a tampa e viu o que estava lá dentro.

Era uma princesa coroada, mais linda que a luz do dia, mais que uma noite serena de lua cheia. O seu rosto era branco de neve; os seus cabelos, tão compridos que lhe

desciam abaixo dos joelhos, pareciam de oiro fino. O vestido todo bordado a pérolas era de tecido de oiro; e tinha um manto real de brocado de seda e oiro todo resplandecente de pedrarias. Mas a princesa tinha os pés e as mãos amarrados e os olhos fechados.

O Lindo Valente tirou a

barreta da cabeça e caiu de joelhos com as mãos postas como se estivesse na igreja fazendo oração a uma santa milagrosa. Assim esteve muito tempo. Não podia pensar; não sabia o que havia de fazer.

A pouco e pouco foram-se-lhe clareando as ideias e perguntou em voz alta:

— Oh! minha santa do



Céu, quem és tu? Tenho o coração a bater tanto que nem sei como o meu peito não estala. Nunca vi beleza como a tua nem tamanha doçura. Estás viva ou morta? Se estás viva como hei-de acordar-te desse sono? Como hei-de livrar-te da tua prisão de oiro? Se estás morta... Deus me

acuda porque não terei descanso antes de te vingar.

Nisto ouviu uma restolhada no mato como se algum bicho grande viesse a correr quebrando tudo na sua passagem. O Lindo Valerte pôs-se de pé e olhou à sua volta. Não tinha o seu machado que deixara ao pé da lenha cortada. Não tinha arma nenhuma se-

não uma navalha pequena no bolso. Deitou a mão a um tronco de árvore, derrubou-o com um arranco de força nem que fosse um gigante. Com a navalha cortou-lhe a ramaria e disse consigo, a rir:

— Com isto já se racha uma cabeça!

No mesmo instante surgiu do mato um bicho maior que

um boi. Era medonho. Tinha cara de homem e juba de leão. As patas eram de cavalo. Ao longo da espinha tinha uns bicos agudos como os dentes duma serra; e a cauda parecia uma enorme cobra, sempre a enrolar-se e a desenrolar-se.

O bicharoco parou defronte do rapaz e disse assim:

— Quem és tu e que atre-

vimento é o teu de vires aqui descobrir este tesouro escondido?

E o Lindo Valente respondeu logo, muito pronto e sem medo nenhum:

— E quem és tu, meu atrevido das dúzias, que ousas falar-me assim? Responde, senão dou cabo de ti num abrir e fechar de olhos.

O bicharoco que não esperava aquele desembaraço, ficou-se um pedaço a cismar e por fim disse:

— Eu fui posto aqui de guarda à Princesa pelo meu senhor que é um gigante feitiçeiro, o rei mais poderoso da terra. Quem aqui vem tem de morrer. E tu vais morrer.

E nisto levantou-se nas pa-

tas traseiras e avançou para o rapaz. Corria-lhe a baba da bocarra escancarada; viam-se-lhe os dentes agudos, enormes e amarelos; e os olhos lançavam fogo que nem uma forja de ferreiro.

O Lindo Valente deu um salto para trás, ergueu o tronco da árvore muito alto e com incrível rapidez e incrí-

vel força desfechou uma pancada na cabeça do monstro. E tal foi a pancada que o bicharoco soltou um grande berro e caiu para o lado a espernear. O rapaz ia dar-lhe outra mocada, quando o monstro disse assim:

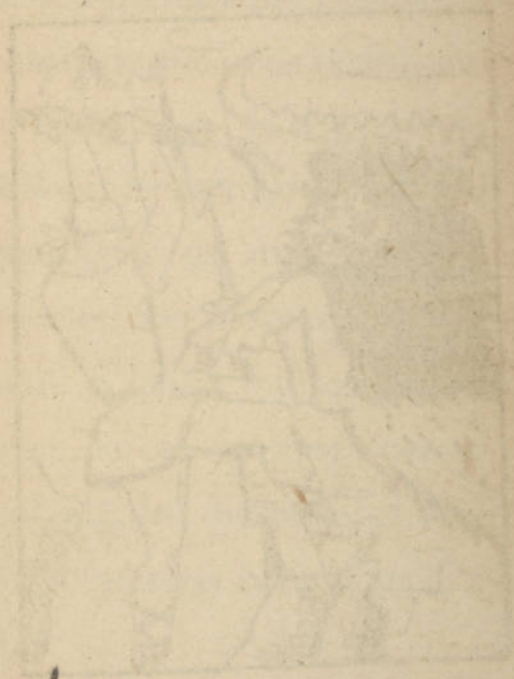
— Não te canses, porque logo da primeira me mataste. Nunca alguém me venceu e



é coisa sabida que eu tenho  
que dizer o meu segredo a  
quem me vencer. O segredo  
é este: a Princesa chama-se  
Formosura Real e é filha única  
de um grande e poderoso rei.  
Esse rei teve uma guerra me-  
donha com outro rei que é o  
feiticeiro, meu senhor, e foi  
este que venceu a batalha.  
Fez do seu inimigo seu prisio-

neiro e meteu a princesa neste caixão de oiro onde ficará para sempre. E o rei feiticeiro, meu senhor, encarregou-me de a guardar e de matar todos aqueles que aparecessem por aqui. E matei muitos. Matei mais de cem e nunca pensei que alguém me pudesse vencer. Mas serei bem vingado e





nem tu sabes em que te meteste. Verás... Verás...

E nisto, num grande arremço, quis ainda atirar-se ao Lindo Valente. Mas este descarregou-lhe outra pancada com o tronco da árvore. E tal pancada foi ela que desta vez o matou a valer.

Apenas o monstro soltou o último suspiro, (suspiro tão

espantoso que fez tremer a terra) ouviu-se uma voz muito linda que disse assim:

— Valente! Valente! Arranca um punhado de cabelos da juba do monstro e guarda esses cabelos muito bem guardados sobre o peito. Cada vez que te vires numa aflição, pega em alguns dos cabelos e atira-os ao ar dizendo:

**—Valente! Valente! Valha-me aqui a Formosura Real!**

A voz era tão linda que mais parecia uma música do céu; e o Lindo Valente ficou tão encantado de a ouvir que durante algum tempo não tugiou nem mugiu, sempre na esperança de tornar a ouvi-la. Mas a voz não disse mais nada e, por mais que o rapaz es-

cutasse, só ouvia o barulho do vento nas ramarias das árvores e o chilrear dos pássaros no ar.

Então o Lindo Valente caminhou para o monstro morto, e arrancou-lhe da juba um grande punhado de cabelos que logo escondeu sobre o peito entre a pele e a camisa. Depois abeirou-se do caixão de



oiro para tornar a ver a beleza encantada da Formosura Real. Mas não chegou a vê-la porque no mesmo instante se levantou um grande ruído. Desencadeou-se uma ventania brava, toldou-se o céu de nuvens negras, estalaram terríveis trovões e a chuva começou a cair como cordas de água. E a água da lagoa levan-

tou-se em grande tempestade e principiou a crescer com tal rapidez que num momento inundou a ilha e subiu, subiu tanto que chegou ao caixão de ouro e o ergueu da terra.

O rapaz, a nadar, quis deitar mão ao caixão com medo de o perder, mas quando lhe tocou, logo retirou a mão porque o caixão estava tão quen-

te como um ferro em brasa. E as águas levaram o caixão e o Lindo Valente largou-se a nadar atrás dele. Porém a tempestade era tamanha, a ventania tão brava, as ondas tão furiosas, que em breve o rapaz se viu aflito sem saber como havia de salvar a vida no meio de tantos perigos.

Assim andou aos trambu-

Ihões a lutar contra o temporal, agarrando-se aqui e ali onde podia, uma rocha, um tronco de árvore, já quase sem forças, cuidando morrer a cada instante. Mas nunca perdeu o ânimo nem a esperança. Por fim agarrou-se a um rochedo alto que se levantava acima das águas e, conseguiu sentar-se nele e descansar. E

nisto lembrou-se daquela voz tão linda que lhe dissera o segredo dos cabelos do monstro. Procurou com a mão sobre o peito debaixo da camisa. Todo ele estava encharcado. Mas os cabelos da juba do monstro lá estavam, entalados entre a camisa e a pele. Eram grossos como cordéis e ásperos como lixa. Pegou num de-

les, atirou-o pelo ar dizendo:

— Valente! Valente! Valha-me aqui a Formosura Real!

E logo lhe veio um sono tamanho que nem podia abrir os olhos; e perdeu a força de tal maneira que nem pôde aguentar-se agarrado ao rochedo; e, adormecido, tombou para o lado e caiu na

água revolta da lagoa que se tornara num mar sem fim...

Quando o Lindo Valente acordou, encontrou-se estendido numa praia de areia dourada e macia. Devia ser meio-dia. O sol brilhava no céu sem nuvens. Fazia calor e nenhuma brisa agitava o ar. O fato do rapaz secara-lhe no corpo e o Valente sentia-se descan-

sado, rijo, bem disposto como se não tivesse tido os trabalhos e lutas que tivera.

A praia estendia-se por ali fora a perder de vista. E, ao pé do Valente estava um gigante. O gigante era mais alto que um segundo andar; e para ver melhor o Valente, curvara-se muito e olhava para ele com muita atenção.



O Valente levantou-se de um salto e ficou um bocado pasmado para o gigante. Reparou que era velho; tinha a barba branca, os cabelos compridos e uma grande boca de onde saíam dois enormes dentes amarelos.

— Que estás tu a olhar para mim com cara de parvo? — perguntou ele por fim ao gi-

gante. — Nunca viste um rapaz como eu?

O gigante começou a abanar a cabeça e respondeu:

— Não. Nunca vi. Nenhum tão lindo e tão valente como tu. Por isso quero que sejas o meu criado e que faças tudo que eu te mandar fazer.

— Aí é que tu te enganas,  
— disse o rapaz a rir; — Só fa-





rei o que mandares se for coisa boa; se for coisa má não faço.

O gigante soltou uma gargalhada, engasgou-se com o riso, tossiu, espirrou; e todos esses ruídos eram tão fortes que pareciam uma grande trovoadas.

— Ora vamos lá a ver, se fazes ou não fazes o que eu mandar? — berrou ele.

Estendeu a mão enorme, agarrou no Valente como se fosse um pedacito de palha e atirou com ele ao ar, apanhou-o quando ele ia cair e tornou a atirá-lo; e fez isto tantas vezes que por fim o rapaz já não podia quase respirar. Afinal pô-lo outra vez na areia da praia e perguntou:

— Então fazes ou não fazes

o que eu mandar? Já vês que comigo não há teimas.

Mas o Valente abanou a cabeça e repetiu:

— Só farei o que mandares, se for coisa boa.

— Veremos, — disse o gigante com ar de troça.

Pegou no rapaz e meteu-o num bolso, desatando a caminhar por aquela praia fora.

O Valente trepou conforme pôde até à beira do bolso e espreitou para fora. Viu que cada passada do gigante era quase da extensão de uma légua; e assim, apesar do gigante caminhar com todo o seu sossêgo, em pouco tempo perderam a praia de vista e o mar, atravessaram uma grande floresta, um larguíssimo



vale e chegaram por fim à casa de campo do gigante.

O gigante foi logo almoçar. Com grande espanto, o Valente viu mais de cem homens a servi-lo. O almoço era um boi inteiro assado, duas enormes dornas cheias de batatas cozidas, outras duas cheias de hortaliças temperadas com uma pipa de azeite, e ainda

outra cheia de fruta. Os homens serviam-no. Uns cortavam o boi em pedaços, outros traziam aquelas peças de carne às costas, outros temperavam as batatas e as hortaliças, outros acarretavam-nas em celhas, outros traziam duas pipas de vinho que o gigante bebia em celhas.

Não paravam e suavam em

bica. E o gigante comia e bebia que era um espanto; tinha um grande chicote na mão e, quando o serviço não era como ele queria, lá ia uma chicotada tão bruta que os que a apanhavam morriam quase todos. E o gigante ora berrava com uivos de fúria que metiam medo, ora ria às gargalhadas.

O Lindo Valente comeu e bebeu à farta e não fazia senão pensar como havia de dar cabo do gigante e de livrar aqueles pobres homens de tamanhos tormentos. Observava tudo com muita atenção e não lhe escapava nada.

Durante aqueles primeiros dias o gigante não o mandou fazer nenhum trabalho bruto.

Só queria que ele dirigisse o trabalho dos outros e os vigiasse. Deu-lhe camisas novas e vestiu-o todo com bom fato.

— Estou a ver o que tu és capaz de fazer, — dizia-lhe ele. — Parece-me que és mais esperto do que esse rancho de parvos que aí tenho.

E o Valente, todo pimpão, respondia logo:

— Sou mais esperto do que tu imaginas, meu paspalhão. Sou mais esperto do que tu. E se pensas que tenho medo de ti, enganas-te.

O gigante desatava a rir. Nunca nenhum homem lhe dissera que não tinha medo dele nem se atrevera a falar-lhe assim.

Um dia o gigante mandou

juntar dez homens e mandou-os cortar cem árvores, serrá-las em pedaços, rachar esses pedaços, fazer molhos de lenha e trazê-los para um grande alpendre que tinha ao pé da casa. E disse assim:

— Quero esta lenha toda arrumada no alpendre amanhã à noite. Se não estiver toda arrumada amanhã à

meia-noite, mato vocês todos e como-os guizados com batatas.

Os pobres homens ficaram tristíssimos e a tremer de medo. Bem sabiam que não poderiam fazer aquele trabalho e que a sua morte era certa. Mas o Lindo Valente foi ter com os dez homens



que o gigante escolhera e disse-lhes:

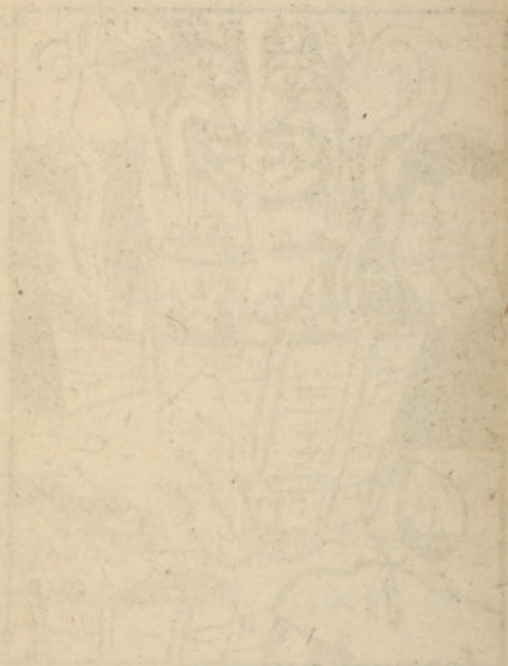
— Não se importem nem se assustem. Tenham confiança em mim e eu os salvarei se fizerem tudo o que eu disser.

Depois foi ter com o gigante e pediu-lhe que o deixasse ir com os homens para vigiar o seu trabalho. O gi-

gante deixou-o ir com os homens e ficou-se a dormir a sesta, muito contente, pensando no guizado que ia fazer dos homens no dia seguinte.

O Lindo Valente andava muito triste de se ver ali preso ao pé do gigante, mas disfarçava a sua pena e mostrava-se muito alegre. Só tinha dois pensamentos na cabeça, dois





cuidados no coração; havia de dar cabo daquele estúpido e mau gigante que tanto atormentava os homens e havia de ir à procura da Formosura Real, ver se ela estava viva ou morta e, se estivesse viva, tirá-la daquele caixão de oiro onde se encontrava presa.

Quando os dez homens abalaram para a floresta com

os seus machados e serras para cortarem as árvores, o Lindo Valente lá foi com eles. Não se calava; não se cansava de animar os seus companheiros e de cantar e assobiar modas muito alegres e divertidas. Tal era o seu ânimo que ainda iam a meio caminho e já os homens pareciam outros, cantando cantigas das suas terras

e conversando e rindo como se fossem para uma festa.

Apenas chegaram lá à floresta, puseram-se a marcar as árvores que iam cortar. Mas o Lindo Valente disse-lhes assim:

—Deixem lá isso. Temos tempo de cortar as árvores e de fazer a lenha. Agora vamos mas é caçar. Pegue cada qual

no seu machado e venham comigo. Mas só quero na minha companhia gente de coragem. Quem tiver medo não me serve.

Todos responderam que iam com ele para qualquer parte e que, na sua companhia nada lhes metia medo.

Foram andando pelo mato dentro. O Lindo Valente en-



sinou-lhes a fazer umas grandes armadilhas para apanhar caça grossa porque a floresta era cerrada e medonha, e abrigava muitas feras: tigres, leões, javalis e outros bichos muito maus e perigosos.

Depois das armadilhas feitas, começaram a cortar árvores. Mas ao fim da tarde ainda nem sequer tinham cinquenta

árvores cortadas. Então o Lindo Valente retirou-se para um sítio sombrio e escondido; e, tirando do peito alguns cabelos da juba do monstro, atirou-os ao ar, gritando:

— Valente! Valente! Valha-me aqui a Formosura Real!

Logo a terra começou a tremer e veio sobre aquele mato bravio, uma grande escuridão.

Os homens assustados, começaram a chamar pelo Valente que logo lhes apareceu dizendo:

—Vamos! Vamos! Coragem! Se matarmos o medo nos nossos corações, não haverá nada que nos vença! Vamos ver se alguma fera já terá caído nos buracos das nossas armadilhas!

Quando foram ver descobriram que muitas feras tinham caído nas armadilhas, mas, já se vê, agora era preciso matá-las. Foi uma grande e perigosa batalha. Os homens, animados pela coragem do Lindo Valente, fizeram coisas extraordinárias de valentia. As feras eram muitas e terríveis; os homens

eram poucos e mal armados. Mas quem vai à guerra dá e leva. Alguns homens morreram, outros ficaram muito feridos; mas acabaram por vencer as feras e no fim, juntaram montes de tigres, de leões, de enormes veados, de javalis e outros bichos medonhos. Fizeram então umas grandes padiolas e carregaram-nas

com aquela caça grossa; e começaram a transportar tudo aquilo para o alpendre da casa do gigante.

Enquanto andavam nestes trabalhos o Lindo Valente ia pensando na maneira de levar a bom fim os seus projectos; porque a valentia bruta de nada serve se não guiada e ajudada por boa cabeça.

—Ai, minha rica Formosura Real, princesa do meu coração! Jurei que havia de te livrar da tua prisão de ouro. Viva ou morta, hei-de descobrir o teu segredo e dar-te a felicidade se fores viva ou vingar-te se fores morta! Mas como? Como hei-de descobrir onde estás? Como hei-de vencer as forças que te guardam?

Estou só no Mundo, sem ninguém que me ajude.

E via que o tempo ia passando e que o Gigante, em chegando à meia-noite, os mataria a todos. Mas não perdia o ânimo, e ia sempre pensando e as ideias acudiam-lhe.

Quando levavam a última padiola cheia de feras mor-



tas, mandou parar os homens a meio caminho e disse-lhes assim:

— Já se vê que não podemos trazer as cem árvores cortadas em molhos de lenha conforme o gigante mandou. E aqui há só um remédio. Tenham confiança em mim e tudo há-de correr bem.

Deu as suas ordens. Man-

dou alguns dos homens falar com os outros que tinham ficado em casa do gigante para que eles fizessem tudo que o Valente mandasse. E, levando na sua companhia uns dois ou três, foi apanhar na floresta grandes molhos de certas ervas e cogumelos que ele conhecia muito bem e que tinham a virtude



Fl. 6 — 36



de adormecer quem as comesse. Já era noite quando, depois disto feito, se pôs de novo a caminho com os homens e a última padiola carregada de feras mortas e de molhos de ervas e cogumelos.

Fazia um luar claríssimo. O Gigante — muito bem recostado numa riquíssima cama à porta da sua casa —

viu chegar uma enorme procissão.

À frente vinha o Lindo Valente, e logo muitas padiolas carregadas de feras mortas e atrás todos os homens que o Gigante tinha ao seu serviço.

O Gigante olhou para aquilo tudo, pasmado. Não

percebia nada. Pôs-se a ber-  
rar:

—Então? Que é da lenha  
que eu mandei rachar?

O Lindo Valente avançou  
para ele todo resoluto disse  
assim: —Eram tantas as fe-  
ras na floresta que tivemos  
de as matar antes de cortar  
as árvores. Bem sabemos que  
vamos morrer e isso não nos

dá cuidado. Mas eu, antes de morrer, quero fazer um guizado como nunca comeste em dias de tua vida. É um guizado raro, feito com veados, javalis, corações de tigres e línguas de leões. Só os mais ricos e poderosos reis da Terra se podem gabar de ter comido um tal manjar. O molho é feito com



o sangue das feras e certos cogumelos e ervas de que só eu tenho o segredo...

Os olhos do Gigante começaram a brilhar e crescia-lhe tanta água na boca que se baba todo... Acabou por gritar:

— Está bom, está bom! Vai já fazer-me esse guizado. Se

for com como tu dizes, terás a vida salva. Senão...

— Não basta — respondeu o Lindo Valente, — Quero a minha vida salva, mas quero também a vida salva de todos estes homens.

— Pois sim, pois sim, — disse o guloso do Gigante, que não fazia senão lamber os beiços.

Então o Lindo Valente retirou-se para a enorme cozinha com os seus companheiros e começou a fazer o tal guizado. Trabalharam toda a noite e, à hora do almoço estava tudo pronto.

Quando começaram a chegar diante do Gigante padiolas carregadas com os caldeirões, o cheiro que se espalhou

era tão delicioso que o Gigante não fazia senão resfolegar e suspirar de gozo, gritando que o servissem depressa. E quando destaparam os caldeirões, o fumo que deles saía era de mil cores lindíssimas.

O Gigante comeu como um bruto que era. Não se fartava de comer, de se encher, ber-rando, com o molho a escor-

rer-lhe pelas barbas: — Ai que bom! Ai que bom!...

No fim, quando já não podia mais, deitou-se e adormeceu profundamente.

O Lindo Valente esperou algum tempo, fazendo sinal aos homeñs que não tugissem nem mugissem. Depois chegou-se ao Gigante e espetou-lhe a navalha na sola de

um pé; e o bruto não se mecheu. Então, ajudado pelos homens, virou o Gigante, atou-lhe as mãos atrás das costas com uma grossa corrente de ferro e atou-lhe os pés do mesmo modo, deixando só espaço para ele poder dar passos muito curtos. Depois, deixou-o dormir a fartar.

O Gigante dormiu três dias e três noites. Quando acordou quis espreguiçar-se e percebeu que tinha as mãos amarradas atrás das costas. Começou a uivar de fúria que nem um gato assanhado. Mas o Lindo Valente não mostrou sinal de medo. Disse-lhe assim:

— Agora és tu o meu es-

cravo e hás-de fazer o que eu mandar, senão dou cabo de ti.

O Gigante rebolava-se no chão e largava cada berro e cada ronco que parecia vir tudo a baixo. Ao fim de muito tempo, vendo que não lhe servia de nada aquela fúria, foi sossegando e por fim disse ao Lindo Valente:

—Que queres?



O rapaz respondeu muito pronto:

— Quero que me leves ao pé da Formosura Real. És gigante e és feiticeiro. Deves saber onde ela está. Se não souberes, arranco-te o coração.

— Pois sim, pois sim, grunhiu o Gigante.

Todos aqueles homens aju-

daram-no a levantar-se; O Valente virou-se para os companheiros:

— Amigos, — disse ele, — vocês agora estão livres. Podem ir para onde quiserem. Pelos serviços que fizeram ao Gigante e que ele nunca pagou, levem-lhe de casa as riquezas que quiserem. Boa sorte, companheiros!

Todos gritaram:

— Viva o Lindo Valente!

Viva o nosso salvador!

O rapaz tirou a navalha do bolso, trepou para o cano da bota do Gigante e picou-lhe a barriga da perna.

— Vamos! A caminho!

E o Gigante lá foi, dando passinhos curtos porque não podia dá-los grandes por causa

da corrente de ferro que lhe  
amarrava as pernas.

O caixão de ouro levado  
pelas águas da lagoa onde se  
levantara aquele grande tem-  
poral, fora parar acima de  
umas rochas num sítio de-  
serto e muito escondido na  
espessura do arvoredos, muito  
longe, muito longe...

O Gigante, com os seus passinhos curtos e sempre a uivar de fúria, lá foi andando, andando... Quando queria parar, o Lindo Valente espicaçava-lhe a barriga da perna com a ponta da navalha.

Assim foram andando sete dias e sete noites. Quando passavam por certas árvores de fruto, o Gigante apanhava

o que podia e ia comendo.

O Lindo Valente gritava:

— Eu também quero fruta.

E o Gigante metia a fruta no cano da bota, de modo que o rapaz tinha sempre de comer à farta.

Chegaram por fim ao tal rochedo onde o caixão de ouro fora parar.

O Lindo Valente, quando

viu aquele esplendor a brilhar entre o arvoredo, ficou tolhido de respeito e de amor. Durante algum tempo nem se podia mecher nem falar. Mas por fim ganhou ânimo e gritou ao Gigante:

—Abre-me esse caixão, meu pedaço de asno! Corta-me essas cordas de ouro que prendem as mãos e os



pés da Formosura Real! Vamos! Depressa!

O Gigante estava pasmado.

— Mas que é do monstro que eu pus de guarda à princesa?

— O monstro? — disse o Lindo Valente. — Há que tempos eu dei cabo dele!

— Tu mataste o monstro?



perguntou o Gigante; e começou a tremer de medo.

— Vamos! — berrou o Lindo Valente, espicaçando-lhe a barriga da perna. — Faz o que eu mandei! Nada de conversas!

— Ai! Ai! — uivou o Gigante. — Não piques mais. Já vou! Já vou!

Abriu o caixão, desatou as cordas...

A princesa acordou, ergue-se devagar. Ao dar com os olhos no Lindo Valente, sorriu e estendeu-lhe os braços. Disse assim com uma voz tão linda que nem parecia da Terra:

— Tu és o meu salvador.  
Tu és o meu noivo. Se me queres, aqui me tens.

O Lindo Valente saltou para o chão, correu para a Formosura Real, ajoelhou de frente dela e beijou-lhe as mãos com tanto amor e tanta felicidade que até se esqueceu do Gigante. Este, aproveitando aquela distracção, levantou um dos enormes pés para esborrachar os noivos, mas como tinha a corrente

nas pernas, calculou mal o movimento, escorregou e caiu dentro de um grande poço que ali havia, onde se afogou.

O Lindo Valente casou com a Formosura Real, que o levou para o seu reino, onde ele ficou sendo rei, muito estimado e respeitado por todo o povo.

Assim, o Lindo Valente e a Formosura Real, sempre muito amigos e rodeados de filhos, foram bons e felizes até ao fim das suas vidas.

**F I M**



Agora que voltou a última página diga-nos uma coisa: gostou desta história?

!!!

Não conseguimos ouvir a resposta mas estamos certos de que ela foi mais ou menos esta: «Gostei. Esta história é muito bonita». Depois, houve, com certeza, uma pausa e continuou: «De resto, todas as histórias da Joanelha são muito bonitas».

De que isto se passou assim mesmo, não temos dúvidas. E é por estarmos certos de que procuramos servir o gosto verdadeiro dos nossos pequenos leitores, esforçando-nos por colaborar na sua educação e formação do espírito, que, neste momento, e nesta última página deste livro de que todos gostaram, podemos dizer:

«Ouça, leitor miúdo. Você hoje gosta destas histórias porque anda de bibe e calção e, para si, a vida cabe inteirinha dentro duma joaninha. Daqui a uns anos, a poucos anos, você deixará de ser miúdo e, então, quererá outros livros que não os da sua pequena colecção infantil. Nessa altura, sabe o que deve fazer? Procure os livros da colecção



da Clássica Editora «Os Melhores Livros para Crianças», em que estão reunidos, na verdade, os melhores livros para crianças. Acompanhará, então, interessado, as aventuras de «Emílio e os Detectives» e de «Emílio e os Três Gémeos»; vibrará de entusiasmo com «Céu Aberto» e «Em Pleno Azul» (dois livros que nunca mais esquecerá); aprenderá a vida duns bichinhos que nasceram arquitectos e que fazem as suas casas nas terras dos Índios ao ler «Aventuras de Dois Miúdos e de Dois Castores»; rirá a bom rir com a «História de Dona Redonda e da Sua Gente» e com «As Aventuras de Dona Redonda»; ficará encantado com os livros de aventuras «Há Fogo na Floresta», «Acampamento no

Bosque» e «Um Tesouro para Três»; poderá seguir, emocionado, as dramáticas proezas de Miguel e do seu papagaio, em plena pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova, através do pequeno romance «O Papagaio de Oiro», bem como as mil peripécias de um rapaz que para fazer de detective se vestiu de rapariga, em «Detective em Férias»; e atingirá o auge do encantamento com a empolgante e extraordinária série «Um Sábado de Aventuras», «Um Domingo de Aventuras» e «Uma Segunda-feira de Aventuras».

Já sabe, portanto, o que tem a fazer...

112



L  
42357



# CONTOS DE ENCANTAR

## VOLUMES PUBLICADOS :

- |  |  |
|--|--|
| 14 — Os anões da floresta                                    | 57 — Aventuras do coelho garotinho           |
| 15 — Sete varinhas de ginjeira                               | 58 — O coelho garotinho                      |
| 16 — As três engeitadas                                      | 59 — A cabrinha três-mé                      |
| 17 — A Bruxa do Bosque                                       | 60 — Aventuras de três princesas             |
| 18 — A Princesa encantada                                    | 61 — A galinha sábia                         |
| 19 — A cabeça da Medusa                                      | 62 — Flávio, o rapazinho da floresta         |
| 20 — A Rainha das Abelhas                                    | 63 — A História do Gato Gatão                |
| 21 — O Rei das orelhas de burro                              | 64 — O Esquilo Chanin Kill                   |
| 22 — O Anel Mágico   | 65 — Uma história maravilhosa                |
| 23 — O Cãozinho Azul   | 66 — Mestre Chico trapalhão                  |
| 24 — Pinto Pintalegrete                                      | 67 — O sonho de Tibú                         |
| 25 — O Sonho do Pastorinho                                   | 68 — Aventuras e desventuras do cão migalhas |
| 26 — O Mágico do Castelo das Nuvens                          | 69 — Desventuras dum General                 |
| 27 — A Burrinha Toleirona                                    | 70 — Bela-Bela                               |
| 28 — Sempre Pronto   | 71 — O dono daquele barco                    |
| 29 — As três bolas de sabão                                  | 72 — Uma Aventura Complicada                 |
| 30 — O coelhinho verde                                       | 73 — A Chegada do Grão Turco                 |
| 31 — A Menina Tartaruga                                      | 74 — O Espantalhete                          |
| 32 — História de Alarico sem fel                             | 75 — O Gigante Petulante                     |
| 33 — História do Palonço Brutamontes                         | 76 — Cara-de-Pau                             |
| 34 — O Senhor Peludo e a Dama Cinzenta                       | 77 — Um sonho cor de burro quando foge       |
| 35 — História de Espantaratos, Espirracanivetes e Nãoterates | 78 — No princípio do mundo                   |
| 36 — História do Lindo Valente                               | 79 — O Califa Cegonha                        |
| 37 — História do Miudinho e do Papão                         | 80 — Carlitos, o pobre feliz                 |
| 38 — Olaf e a Madrinha                                       | 81 — Estrela do Mar e o Príncipe Encantado   |
| 39 — O Valentão  | 82 — O Castelo de Pedra Negra                |
| 40 — História do Príncipe Raúl                               | 83 — A Aventura dos Príncipes Gêmeos         |
| 41 — As Botas Saltaricas                                     | 84 — Médico à força                          |
| 42 — A Bravata de D. Barata                                  | 85 — Berliques-Berloques                     |
| 43 — Lagartinha da couve                                     | 86 — Tropelias de um coelho                  |
| 44 — As três Fadas   | 87 — A bolsa mágica                          |
| 45 — Viagens de Olaf   | 88 — História do menino que comprou um balão |
| 46 — Olaf e o seu amigo Ted                                  | 89 — Morangos e um sorriso                   |
| 47 — As Formigas Aventureiras                                | 90 — A Rainha das mãos                       |
| 48 — O Príncipe Percine                                      | 91 — Militão Barbaças e o nistro             |
| 49 — A Princesa Bela   | 92 — ... E o Tio Zé da casa a assobiar       |
| 50 — Aventuras de João Fabião                                | 93 — O gato francês, o gril sota ...         |
| 51 — O Mistério dos mil anõesinhos                           | 94 — Valld, o Príncipe indí                  |
| 52 — O Rei dos Pavões  | 95 — As Sandálias de Oiro                    |
| 53 — O Cofre dos Três Desejos                                | 96 — Henrique, o coxinho                     |
| 54 — Chico Pipa  |  |
| 55 — O cavaleiro das esporas de oiro                         |  |
| 56 — Os sacos justiceiros                                    |  |

LIVRARIA CLASSICA EDITORA